

APRESENTAÇÃO

Nesta edição da *Grau Zero: Revista de Crítica Cultural*, organizada pelos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (Campus II), mobilizamo-nos a refletir a noção de Letramento enquanto diferença cultural, configurando-se como práticas pedagógicas que enfatizam o respeito pela diversidade cultural no cerne do espaço educacional, ressignificando os saberes que neste espaço são produzidos.

Para Lúgia de Assis Monteiro Fontana e Lilian de Assis Monteiro Lizardo, em seus artigos, buscam constituir um diálogo entre a leitura e a contação de história, em uma perspectiva voltada para psicopedagogia. Em uma perspectiva abrangente acerca da contação de história, as autoras buscam evidenciar a importância desse ato, tanto em uma concepção pedagógica quanto do desenvolvimento das potencialidades inerentes ao sujeito leitor e ouvinte. A contação de história é apresentada como uma importante ferramenta de interação entre sujeitos, sociedade e linguagem.

Em “Alfabetização e letramento: um estudo em contraponto”, Patrícia Maria Guarnieri Ramos busca constituir um percurso teórico para os processos de aquisição da linguagem escrita pela humanidade, tendo por base a complexidade inerente aos processos de tensionamento entre sujeito, história e sociedade. Nesse aspecto, a autora apresenta a heterogeneidade do campo envolvido nos conceitos de alfabetização e letramento, tendo por base as problemáticas relacionadas à aquisição da linguagem escrita. Tomando por base os estudos, entre outros, de Magda Soares e Vygotsky, a autora busca reposicionar o sujeito de letramento dentro da complexidade cultural que o cerca.

No artigo “Discutindo alfabetizações: a alfabetização linguística e o letramento no programa nacional do livro didático”, Thaise Silva apresenta uma análise dos discursos acerca da alfabetização, no âmbito das publicações didáticas

relativas ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/2010). Tomando como base os Estudos Culturais, buscou-se evidenciar as formas como tal discurso estaria assentado nas tensões estabelecidas entre tradição e inovação. Nesse sentido, como um produto cultural, o livro didático é apresentado pela mesma lógica complexa que compõe o sentido de cultura na contemporaneidade, de modo a evidenciar os conflitos metodológicos que marcam a constituição discursiva acerca das metodologias da alfabetização e dos processos de letramento.

No texto, “Gêneros textuais orais: corpo, palavra e a construção dos sentidos”, a autora Andreia Ines Hanel Cerezoli observa, em especial, o fenômeno da oralidade na sua relação com as mídias. Com um olhar específico para as vídeos-aulas, a autora busca intercruzar a expressividade oral com o campo linguístico. O objetivo principal, além de reafirmar a prática midiática como um ponto marcante para o desenvolvimento do processo de letramento, é o de apresentar a complexidade inerente às expressividades contemporâneas baseadas no suporte midiático, como revelador de um traço de multimodalidade, com um forte tensionamento com a ideia de gênero textual e os processos de mediação tecnológica.

No artigo intitulado “Hip Hop: cultura de resistência reexistência a partir ao conhecimento”, Maria Isabel Baldo busca focar no âmbito da educação popular, a partir das ideias de Paulo Freire, situando a cultura Hip Hop como um espaço próprio para novas práticas de letramento, que se distanciam de formas hegemônicas. Tal expressividade é apontada pela autora como um movimento marcado por tensões inerentes ao contemporâneo, perceptíveis nas interações sociais e urbanas, presentes também no âmbito da comunicação de massa e nos seus desdobramentos. Aqui a autora aponta que um evento de letramento que envolve essa expressividade é o ponto marcante para a consecução

de uma prática educativa emancipatória, focada na apropriação e performatização por parte dos sujeitos desses discursos. Aqui, o empoderamento e a visibilidade social é ponto marcante desse olhar contemporâneo, ao propor o agenciamento da linguagem por meio da linguagem da resistência e na participação coletiva.

No artigo “Leitura e escrita na EJA, ressignificando o trabalho através de sequências didáticas”, de autoria de Alâne Batista dos Santos, a promoção de práticas de leitura e escritas em turmas de EJA, é um ponto norteador para o desenvolvimento de estratégias de letramento nesses espaços. Com o objetivo claro de propor ações educativas, o artigo lança um olhar teórico calcado no desenvolvimento das competências de leitura e escrita, buscando nessa modalidade de aprendizado, apresentar uma construção discursiva não somente centrado na teoria, mas na experiência vivida em sala de aula, por professores participantes. A leitura e a escrita são apresentadas aqui como um ponto chave para aquisição de novas formas de aprendizagens e para a socialização dos alunos no contexto atual.

Para os autores Gilmei Francisco Fleck, e Renata Zucki, no artigo “Letramento literário: práticas de leitura do texto literário nos anos iniciais do ensino fundamental”, o processo de letramento literário é observado como prática efetiva de letramento. Os autores apresentam um estudo de caso de uma escola pública do Município de Cascavel (PR), onde se pode observar a importância da leitura literária na formação dos estudantes, apresentando algumas metodologias de aplicação da literatura dentro do contexto de letramentos no ensino fundamental.

Sheila Rodrigues dos Santos apresenta um olhar especial para as práticas sociais de letramento, tanto em uma perspectiva tradicional quanto atual. No seu artigo, intitulado “Letramento multicultural: uma aprendizagem tecida no cotidiano”, encontra-se um percurso para se repensar a signi-

ficação da leitura e da escrita diante dos novos contextos de letramento e alfabetização. Nesse sentido, a autora apresenta um cenário em que novas perspectivas nos processos de alfabetização requer emergência de um sujeito de letramento mais propício para eventos de letramento, calcado nos saberes tecidos no cotidiano. Dessa maneira, sobre o signo da complexidade, uma proposta de letramento multicultural baseia-se na construção de novos sentidos, tanto para o sujeito envolvido nas dinâmicas dialógicas da cultura, quanto para a sociedade.

No artigo “Letramento(s) e práticas alfabetizadoras: um olhar sobre diferentes contextos”, as autoras Maria Eurácia Barreto de Andrade e Sineide Cerqueira Estrela buscam comparar como as práticas de leitura e escrita na escola estão relacionadas com as práticas de letramento que vão além dos limites estabelecidos pela escola. Aqui, o processo de letramento é visto pela interação entre diferentes agentes, transpondo o olhar tradicional para esse processo. Dessa forma, a relação comunidade e família é observada como um ponto nodal para o encaminhamento metodológico da prática alfabetizadora e a construção de práticas de letramento pelos estudantes na sala de aula. Lançando um olhar qualitativo e quantitativo para as metodologias desenvolvidas no âmbito escolar, as autoras apontam um cenário de distanciamento entre uma proposta de letramento comunitária/familiar e a escola.

No artigo “Letramentos sociais e a importância das influências”, Isabela Vieira constrói uma apresentação de um histórico pessoal para o evento de letramento. Ao focar em uma trajetória de vida, a autora apresenta a complexidade do fenômeno de agenciamento de letramento para o sujeito envolvido nessa prática. A autora apresenta, dessa maneira, que uma prática de letramento é um espaço heterogêneo onde diversos agenciamentos são mobilizados, apontando,

dessa maneira, para o sujeito e a sua interação com a linguagem.

As autoras Nara Hiroko Takaki, Jany Baena Fernandez e Suzana de Souza Klas Guerra, buscaram constituir relações epistemológicas envolvidas no processo de letramento crítico, procurando repensar, dentro do contexto da cultura digital, novas tensões estabelecida na relação epistemológicas-ontologias-metodologias. É no contexto da diversidade da chamada cultura digital que uma ética calcada pela valorização criativa das diferenças, que marcaria um novo posicionamento metodológico para o processo de letramento. Para as autoras, é a partir das novas formas de letramento, diante da complexidade inerente ao nosso tempo, que uma redefinição metodológica e teórica norteadora desse debate faz-se fundamental.

No artigo de Alex Caldas, “Novas Identidades e Temáticas em Linguística Aplicada: Investigando os Cartuns de Allan Sieber”, tem-se, inicialmente, uma apresentação das chamadas Linguísticas Aplicadas (LA) e sua definição como campo epistemológico surgido, notadamente, ao longo das últimas décadas. Nesse sentido, o autor foca na produção do cartunista brasileiro Allan Sieber, buscando tensionar a construção indenitária desenvolvida por essa expressividade contemporânea. Aqui, o autor reafirma a necessidade de uma redefinição no campo epistemológico da LA, com o intuito de lançar um olhar específico para as novas formas de expressividade e suas implicações com as identidades e alteridades contemporâneas.

No artigo na “Pisadinha do pé firme: reescrevendo outros letramentos”, das autoras Olandiara de Aragão dos Santos, e Maria Nazaré Mota de Lima, encontra-se uma proposta de letramento tendo por base uma expressividade da cultura popular, do interior da Bahia. Nesse aspecto, a cultura popular é observada como um espaço de interações complexas, constituidora de modos próprios de letramentos, basea-

dos na performatização e nas estratégias desenvolvidas por esses indivíduos nos seus processos de letramentos. Notadamente, o artigo aponta para o nível de tensão entre a complexidade que envolve o conceito de cultura popular bem como o de letramento realizado por grupos de indivíduos que se situam à margem dos processos vigentes, buscando situar, em especial, essa relação na esfera cultural de cada um desses grupos.

No artigo de Adelaide Maria de Lima Magedanz, a problematização das formas como o adolescente constrói sentidos em práticas, inerentemente ligada aos jogos digitais, busca repensar-se as estratégias de letramento na contemporaneidade e suas relações com a cultura atual. Aqui, as características específicas desses espaços interacionais, possibilita a percepção da complexidade das práticas de letramento no nosso tempo, notadamente marcada pelas transformações oriundas nas esferas comunicacionais. Lançando um olhar específico para os adolescentes, o artigo evidencia a cultura do Game como um espaço efetivo para uma prática de letramento no contemporâneo.

Giselle Maria Sarti Leal Muniz Alves, nos apresenta, em uma perspectiva sociointeracionista, a complexidade envolvida numa proposta de multiletramento. Nesse caso, o desenvolvimento de competências é ponto marcante para o estudo nesse campo de trabalho. A autora evidencia um processo de ensino-aprendizagem de língua materna que leve em conta a diversidade cultural e social dos seus praticantes, em perspectiva que envolva o multiculturalismo, a semiótica e a multimodalidade. Nesse aspecto, a autora aborda a complexidade dos chamados eventos de letramento, em detrimento a uma abordagem hierarquizante do campo linguístico.

No artigo intitulado “Sociedade das Letras: A Fundação do Gabinete de Leitura de Jundiá (1908)”, Paulo Henrique de Oliveira lança um olhar para os processos de consti-

tuição do Gabinete de Leitura de Jundiaí, instituição fundada no ano de 1908, em Jundiaí, localizada na região oeste do Estado de São Paulo. Em uma perspectiva histórica, o autor nos possibilita situar esse espaço de leitura com outros espaços surgidos no Brasil ao longo de sua história, apontando os tensionamentos inerentes às práticas de leituras vigentes na sociedade brasileira. Nessa perspectiva, o livro e leitura aproximam-se como forma de representação do Brasil como uma sociedade letrada.

Esse número conta ainda com a resenha do livro “*Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*”, do professor e antropólogo Brian Street. O livro constrói um mapeamento teórico para o letramento, apontando as principais discussões acerca da heterogeneidade que compõe a definição para esse campo teórico e conceitual. Aqui, a ideia de prática social é apontada pelo autor como forma de aplicabilidade para esse processo, calcado nos processos de socialização e interação entre os diversos agentes envolvidos nesse evento. Perpassando diversas concepções e desdobramentos do fenômeno de letramento, o livro aponta para as diversas conformações que esse tema pode ser observado, tanto em uma perspectiva política quanto ideológica, indicando que uma prática de letramento é aquela que evidencia para uma prática social, complexa e crítica.

Francisco Gabriel de Almeida Rêgo